

## O meu percurso escolar

---

Não me lembro, mas conta-me a minha mãe o quanto eu esperneava, berrava e refileava por ver o meu irmão (mais velho que eu três anos) ir para a escola quando eu ficava em casa. Conta-me a minha mãe também, que foi o dia mais feliz a minha vida, o dia que pela primeira vez vesti o bibe e com uma mochila às costas fui para a escola (jardim de infância).

O meu percurso didático começou aos três anos quando, e com a maior euforia, os meus pais me colocaram no Jardim Escola João de Deus. É um colégio conhecido por promover o seu ensino básico centrado na cartilha. Neste colégio a “escola” começava mais cedo, a maioria das crianças entravam para a primeira classe com o A B C bem sabido. Acredito que foi enriquecedor para mim iniciar o meu percurso escolar neste meio, onde tive educadores e professores que me acolheram desde cedo com muito carinho, e onde encontrei muitos outros meninos com quem partilhei muitas brincadeiras e histórias de vida.

O bibe castanho (a cor do bibe que designava a primeira classe do ensino básico) não foi para mim um grande passo, ou um que me tenha marcado pretinidamente, foi simplesmente o avançar no meu percurso. Passaram-se a catalogar as disciplinas foi a única grande diferença. Aprendi a escrever e a fazer contas, mas isso como foi um crescente, acabou por não ser um marco. Aliás as minhas recordações, que não são muitas devo confessar, refletem aquilo que acho ser o mais bonito da aprendizagem, o saber que aprendi, sem me aperceber que o fiz.

A segunda classe foi caracterizada por usar o bibe verde e por ter uma professora temível e rígida de princípios e boas maneiras, uma avó que tanto tinha de boazinha, como tinha de lobo mau. A terceira classe foi sim um marco na minha infância, e quem a marcou foi sem dúvida a professora que tive, uma jovem que dava tudo pelos alunos e fazia tudo para eles, havia um entendimento mágico entre a turma e a professora Mónica; deste ano, não só recordo «a escola» como era para mim até então, um recreio, como também me recordo da aula onde aprendi o sujeito e o predicado da frase, lembro-me das contas de dividir com numeradores infundáveis que fazia com um gosto prespicaz, assim como me lembro de fazer a mais deliciosa prenda do dia da mãe.

Precedeu-se a quarta classe, as recordações não são tão boas, se calhar porque reinava a mágoa de ter de deixar ir a professora Mónica para a outra turma, se calhar porque os métodos didáticos da nova professora não “assentavam” bem. A professora nunca esboçou um sorriso, e como podia eu sorrir para o mundo escolar se ele não sorria para mim!

E aqui terminei o percurso no Jardim Escola, fiz parte da primeira turma finalista e por isso tenho o meu nome gravado numa placa no grande pátio. Como

ficou o meu nome gravado para sempre no percurso daquele colégio, também eu me sentirei, como dita o hino, eternamente filha de João de Deus.

Recordo com carinho, todo o carinho que me acompanhou ao longo do primeiro ciclo básico. Aprender sem esforço, como se tudo fosse fantástico, era assim que encarava a escola nesta altura.

Disse adeus a todos os que faziam parte do meu 1º mundo escolar para entrar num outro chamado Colégio Vasco da Gama. Tinha terminado um percurso para iniciar um novo, diferente, mais responsável, novas caras, novas salas, novos professores, novas regras. Aqui senti alguns grandes choques, o maior foi que tudo o que eu fazia era avaliado, o meu desempenho, o meu comportamento, a minha assiduidade, o que eu sabia, o que eu não sabia. Foi aqui que me apercebi o que realmente tratava a escola, afinal não era tudo fantasia, a escola tinha uma finalidade, e esta dependia de mim e do meu esforço. Afinal não era só a brincar que se aprendia.

Tive a sorte de, no segundo ciclo básico, ser acompanhada por duas excelentes professoras, uma que tratava da Matemática e Ciências da Natureza, a outra que ensinava Português e História e Geologia de Portugal. A professora de Matemática e Ciências da Natureza fez-me uma apaixonante do Mundo Natural, a professora de Português e História fez-me uma apaixonante da arte de ensinar. É engraçado que hoje, ao querer ser professora e ao estudar para isso, apreço-me o quão didáticas eram aquelas aulas, dadas em actividades dinâmicas. As aulas não eram dadas para nós mas eram dadas connosco; os debates em mesa redonda consecutivos, os teatros... Os inventos e criatividade eram inerentes, demarcando o incentivo á aprendizagem.

A entrada no terceiro ciclo básico foi marcante, acompanhada pelas descobertas e controvérsias típicas e ricas da adolescência, com as consecutivas constatações do mundo, que apesar de ser pintado de cor de rosa carregado, me colocou em congruência com diferentes realidades. O sétimo ano trouxe consigo uma nova turma, predominantemente masculina; e imagine-se o que podem fazer vinte rapazes que vêm intrépidos crescer acima deles oito raparigas, foi a guerra que se implantou no batalhão. E a guerra prolongou-se pelos dois anos que lhe seguiram: raparigas vs rapazes. Posso dizer que o menosprezo já estava implantada no seio da turma e assim se propagou para todo o conteúdo escolar, não houve, naqueles três anos, professor que gostasse da nossa turma, não que fossemos uns rebeldes, mas faltava o apoio e a união do alunos, faltava a turma. Avaliar os professores que tive nesta altura é algo de complicado, aos 13 anos estava bem mais interessada em rivalizar por um namorado ou em conjugar saia com camisola que me apreçoer o meu papel na escola. Hoje analiso melhor. Posso dizer que tive uma professora de Português e directora de turma, que me acompanhou do sétimo ao nono, que me fez repugnar a disciplina de Português e tudo o que lhe estava associado, desde a escrita á leitura. Esta professora tinha o péssimo “carisma” de me comparar, intensivamente, com o bem comportado menino meu irmão, ex aluno dela, facto que me irritava estonteantemente.

A entrada no oitavo ano fez-se acompanhar pela desistência de quatro professores que preferiram outra turma à nossa. História deu as boas vindas a uma professora neurótica mais interessada na acrobática e nas artes circenses, amante de Gil Vicente e Van Gogh e eterna rival da professora de Português. Deixou para trás um professor com P grande que me fez viver a pré-história e o antigo Egipto com uma atenção e magia estonteante. Para além da “pancada” evidente, a nova professora tinha uma faceta estimulante e apaixonante, a disciplina ganhou um afecto geral demarcada por teatros feitos na rua, peças de marionetas, exposições sobre os factos obscuros da realeza; a História que nos foi contada, não foi a das batalhas vencidas e ganhas, foi das coscuvelhices que acompanharam os triunfos Portugueses.

Matemática deixou de ser dada por um adepto ferranho do Vitória de Chaves que insitia em pontuar os testes pelas anedotas que lhe contavam e pelas vitórias do seu clube de futebol: mas um grande professor. O seu lugar foi ocupado por um senhor general persuadido pelo método lógico da matemática.

O professor de Francês, o meu trauma, um péssimo professor é o que tenho a dizer. Não posso comentar muito as aulas por ele dadas pois ele insistia que eu não deveria assistir às mesmas. Físico-Química foi dada por um professor muito simpático que gostava de me chamar Leonor, o erro dele foi que ligava mais ao afecto que tinha pelos alunos que á matéria que tinha de ser dada. Educação Visual esteve a cabo do irmão da professora de História, afinal a “pancada” era de família; a deste era refletida nos pasteis de nata que apostava pelos resultados do futebol, pelas réguas carinhosas sobre faltas de material e pela ratazana de estimação que guardava na arrecadação da sala de aula. Todos adoravam este professor, era a realidade.

Globalmente o terceiro ciclo básico teve altos e baixos, bons e maus professores, professores que me acompanharam até ao nono ano e que me tornaram finalista. Para trás ficaram as melhores memórias que tenho. Recordo o Colégio Vasco da Gama com uma nostalgia doce, foi lá que cresci, foi lá que fiz a minha melhor amiga, foi lá que vivenciei os melhores episódios na minha história, e apesar de todos os entreves e regras que me impuseram o Colégio construiu parte da pessoa que sou.

Um salto grande foi a minha entrada no ensino secundário, uma escola pública, um ambiente tão diferente. Aqui ninguém se preocupava comigo, não havia ninguém para me dizer que os meus atacadores estavam despertados e que para meu bem, os tinha de apertar. Deixou de haver recreio na hora de almoço, deixaram de haver brincadeiras e criancices entre amigos, aqui todos eram mais velhos e eu tão criança tive de me tornar crescida. As aulas deixaram de ser todas obrigatórias e eu podia faltar a 1/3 delas. Foi de certa forma um choque grande. Fiz grandes amigos, mas o companharismo estava maioritariamente restrito às aulas, após o toque de saída todos íam para casa.

O décimo ano foi um susto, as notas desceram. A culpa, à parte da minha ingenuidade, foi devida também aos professores que tive. Matemática foi dada por

uma bióloga, que refletia a sua grande frustração ao dar as aulas de bata branca. Era boa pessoa, mas má professora, gerou definitivamente a minha aversão à matemática. Tive um professor de Ciências da Terra como não há muitos. Obrigou-nos a pensar sobre a Ciência, fez-nos saber como cientistas. Adocicou ainda mais o meu grande gosto pelo Mundo Natural.

Filosofia: ainda hoje me questiono qual o programa daquela disciplina, o professor decidiu-se por um método não muito coerente, não dar a matéria durante o período de aulas e sim em aulas extra antes do teste final da disciplina. Não muito eficaz digo eu.

Português teve a cargo da minha directora de turma, o trauma da linguística perseguia-me, não sei se o método foi mau, provavelmente não foi, mas também não o consigo julgar pois a minha aversão à disciplina era tal, que por muito bonita que fosse, eu descrevia-a como se fosse terrivelmente medonha. Para colmatar esta minha aversão às línguas, o Inglês também se tornou insuportável, contudo, honrava-me o facto de saber que a escolha ideal para o meu futuro era definitivamente as Ciências Naturais.

O décimo primeiro ano não foi muito diferente do anterior, a mesma turma, os mesmos professores, os mesmos métodos, só o meu rendimento subiu um pouco. O choque tornou-se menos perturbador, os amigos tornaram-se mais íntimos, o que ajudou a uma ambientalização mais coesa da turma e um melhor funcionamento na sala de aula. Os professores não tinham dificuldades em trabalhar com a turma, pelo menos alguns, a verdade era que, a par da maioria dos adolescentes, nós também tínhamos aqueles momentos em que o “fixe” era ser bom, mas rebelde. Tornava-se delicioso gozar fosse com o que fosse. Rir era o prato do dia, tudo era motivo de chacota. O grande triunfo não era tirar proveito das aulas e aprender, tornou a ser, como tinha sido nos primeiros anos, a diversão.

O final deste ano fez-se acompanhar com a escolha, mais específica, de disciplinas que mais se adequavam ao meu percurso futuro, visando as disciplinas específicas para a entrada na faculdade. A minha escolha inicial foi Biologia, Geologia e Psicologia; as três áreas que mais projectavam aquilo que pretendia fazer; contudo a Geologia não foi aceite por não haver currículo disponível na escola e tive de optar por seguir Química.

Para além destas disciplinas novas, todas as outras seguiram uma continuação metódica, tomadas pelos mesmos professores e pelos mesmos meios de ensinar. O grande passo, que foi o décimo segundo ano, fez-se acompanhar pelo desânimo de conhecer uma professora de Biologia capaz de tornar, para mim, desinteressante a disciplina. A professora não tinha um planeamento curricular definido; as aulas não funcionavam porque, para além de não existir uma saber explícito por parte dela, também não existia um entendimento com os alunos, logo, à priori, as condições de aprendizagem não se propuseram.

O professor de Química era a personificação da química, estovado de cabelo branco, que emanava paixão por aquilo que fazia. Foi o único professor que tive, que brindava eufórico as boas notas tiradas pela turma; As melhores eram medalhadas e gratificáveis com prémios simbólicos. Podia-se julgar que era um método individualista, o facto é que nunca foi encarado como tal, aliás a turma entrava neste jogo e jogava-o com entusiasmo.

A professora de Psicologia tinha o mérito de ser, para além de uma excelente comunicadora de saber, a nossa tutora. Era ela quem nos ouvia, nos aconselhava e nos defendia perante “os maus da fita”. Guardo boas recordações destas aulas.

O fim das aulas trouxe-me a perspectiva atordoante que a realidade corria depressa demais e que eu, apesar de ter terminado com sucesso um dos grandes patamares da vida, não me sentia preparada nem física, nem mentalmente, para abraçar o desafio universitário. Eu sentia-me nova de espírito e encarava a universidade como uma nova fase ou etapa, não como a continuação de uma só: o percurso escolar.

Este facto assustou-me, fez-me parar, pensar e decidir que o melhor seria não abdicar do curso que pretendia tirar em detrimento de um ano perdido a tirar um outro curso adequado á minha média. Este ano serviu para melhorar algumas notas e estudar adequadamente aquilo que me interessava, foi decididamente um ano ganho. No final repeti os exames nacionais, os resultados permitiram a minha candidatura na faculdade. De lá até então tenho-me sentido realizada em termos didáticos, sei que foram da maior riqueza todos os ensinamentos e experiências que adquiri ao longo do meu percurso escolar. Espero que estes conteúdos sirvam para me tornar uma boa profissional, pelo menos sei que ao olhar para trás guardo boas recordações daqueles que o foram.

